



**TAXA PAGA**  
PORTUGAL  
CCE DEVESAS

**PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**  
AUTORIZADO A CIRCULAR  
EM INVOLÚCRO FECHADO  
DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODEABRIR-SE PARA  
VERIFICAÇÃO POSTAL  
DE05582008GRC



# O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo  
Director: Padre João Rosa  
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

5 de Junho de 2010 • Ano LXVII • N.º 1728  
Preço: € 0,33 (IVA incluído)  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa  
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt  
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

## Vida em Família

OS dois vieram pela mão do Pároco de Vendas Novas, um Amigo que no Céu decerto continua a orar por nós, pois tinha uma satisfação de que não perdia oportunidade para se gloriar: Era o assinante n.º 2 d'O GAIATO.

Dois irmãos; o mesmo sangue; o transplante para a nossa Família, uma só operação; em Paço de Sousa, o que foi proporcionado a um, foi-o ao outro; e o destino de ambos diametralmente opostos — segredos do uso da liberdade humana. Do Armindo ninguém sabe o paradeiro; o Arménio sempre se manteve e mantém por perto de nós.

Casou. Sua Mulher trabalhou no Lar do Porto alguns anos, até que teve oferta de emprego ao pé do marido e a dois passos de casa nos arredores da cidade. Por aqui passaram o princípio das suas vidas os três filhos, que ainda hoje evocam a nossa Senhora de então pelo nome de Avó Diamantina.

No 8 de Maio passado foi o casamento da mais nova no velho e lindo Mosteiro de Pedroso. Os noivos tinham feito o curso de preparação para o Matrimónio, mas também os três o preparámos em encontro mais próximo da data, que o Matrimónio é coisa demasiado séria para se deixar ao sabor do improvisado. Não a festa que dura um dia, mas a fortaleza dos alicerces que hão-de assegurar festivos todos os dias da nova família. Deixou-me tranquilo o conhecimento do noivo e depois o seu porte no acto sacramental e no convívio que continuou. Ela que se pareça sempre com sua Mãe. Não é essencial que a repita, sim que siga uma trajetória que lhe seja imagem fiel, também de «Mulher forte» de que nos fala o Livro de Ben Sira, que foi justamente a leitura que os noivos escolheram, meditada no feminino e no masculino, a qual exprime o seu critério e a sua esperança da felicidade a que racionalmente aspiram.

\*\*\*

No princípio da semana seguinte recebi uma ordem do meu Chefe do Lar: — Não se comprometa para sábado que o Ricardo e eu temos uma ideia.

O Ricardo é um neto de 28 anos, licenciado em Artes de Ilustração (digo assim para fugir ao Design que é a palavra em uso) com quem, desde o seu tempo de estudante, combinei vezes sem conta uma visita a Serralves guiada por ele — e sempre um imprevisto a impediu. Agora que ele trabalha em Guimarães e só o fim-de-semana tem livre, tinha de ser mesmo aquele sábado — e foi.

Mas o programa, da parte do meu Chefe e dele, incluía um almoço e que foi de circunstância em um restaurante «estrelado», daqueles aonde a gente nunca vai quando precisa realmente de uma refeição fora de casa. Ainda protestei... Mas eu estava ali às ordens deles e não fui atendido. E lembrei-me — e sorri dentro de mim — de um episódio passado com o pai do Ricardo, que recebemos com 4 ou 5 anos de idade e a quem, fora do costume, fui eu que dei o apelido: «Eunice». É que o pequenino era extraordinariamente parecido com a Eunice Muñoz, essa grande Senhora do Teatro, ao tempo uma jovem ainda não conhecida pelos nossos Rapazes. Daí a surpresa geral por tão estranho nome! Mas a verdade é que ele pegou e durou até adolescente. Quando entrou a trabalhar numa importante Firma de que guardamos gratas recordações e onde permaneceu até à reforma, eu disse-lhe de brincadeira: «Agora temos de festejar o teu emprego novo e tu vais oferecer-me um almoço no restaurante X». E indiquei exactamente um «estreladíssimo». A brincadeira nunca foi realizada; ou melhor, foi agora, pela complicitade do filho e do meu Chefe, o que me fez sorrir interiormente.

Do almoço passámos a Serralves onde, na impossibilidade de ver todas as belezas que por lá há, eu escolhi o parque, espaço magnífico que me surpreendeu, a residência senhorial, deixando o Museu para outra vez.

Foi uma tarde de peso para as minhas fracas pernas. Mas os cuidados e ajuda dos meus companheiros e a alegria interior deram-me força para cumprir a jornada sem cansaço de maior.

A próxima vez — fiquem eles já sabendo — não há almoço. Ou será numa tasquinha que eu hei-de recomendar.

Padre Carlos



Mariana, uma bisneta da Obra.

### RETRATO FAMILIAR

Padre João

ONTEM, Domingo de Pentecostes, participei na missa em que o filho de um dos nossos Rapazes fez a sua Profissão de Fé. Até aqui, nada de invulgar. Eram mais de meia centena de pequenos adolescentes acompanhados pelos pais, catequistas e outros familiares. A Igreja regurgitava de gente. Era um Domingo especialmente festivo. O Pároco, na altura própria, deixou "sopro" nas palavras que a todos dirigiu acerca da fidelidade aos compromissos baptismas, ali, naquela hora, renovados. Uma celebração bem preparada, bem participada, transmitida, até, para uma rádio local.

Depois da celebração, seguimos o almoço, muito familiar, em sua casa. Os dias que correm, de crise orçamental e desemprego, não permitem ostentações desafortadas nem grande "foguetório": «Levante-me às 5 da manhã...», disse o cozinheiro, chefe da família... depois de assar a carne, no calor

do forno, cozi ainda uma fornada de pão para a festa... Os filhos escutavam atentos... A participação deles no "evento", fora vespertina: a recolha da lenha nos pinhais das cercanias serranas, a limpeza e a decoração — tarefa deles liderada pela mãe.

Nós escutávamos também e, intimamente, seguíamos o percurso desta família. Recordámo-nos dos tempos em que um dos filhos, em contexto escolar, foi aconselhado a cuidados médicos, assumidos, de forma quase obsessiva, pela mãe por causa da «dificuldade de concentração e da hiperactividade...» No respeito pela família que julgávamos conhecer, razoavelmente, nessa altura intervi, apelando ao bom senso: a cura do filho havia de ser encontrada no seio familiar. Neles, no seu entendimento e amor familiar envolvente, na participação deles todos na construção diária do tecido familiar: nas lides domésticas repartidas, na ajuda

ao pai nos trabalhos da oficina, na simplicidade e modéstia do seu viver quotidiano. Neste contexto familiar haviam de ser encontrados os remédios básicos para combater o insucesso escolar e a "hiperactividade". Estes males, a existirem, seriam passageiros ou provocados por outra causa externa a qual, aí sim, os técnicos teriam de diagnosticar. Sem negar o desempenho dos técnicos competentes da escola, devemos reconhecer que o amor familiar é o grande "agente" terapêutico, dotado de um poder incommensurável de cura e reabilitação.

O forno ao lado da cozinha, o pão amassado pelas próprias mãos do pai da família, a lenha rebuscada pelos filhos, nas cercanias da casa e transformada em brasileiro... estariam nestes ingredientes de uma profissão católica de fé eficaz e suficiente bastante, para informar e formar o homem no tempo para a eternidade. Este seria o caminho, não houvesse «um mundo virtual», cada vez mais ardiloso, a "minar" as pontes para lá chegar. □

### PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

## Para baixo

Ansia desenfreada em prender o interesse nas coisas espalhafatasas e inúteis, que invadem ferozmente os meios de comunicação, qual poluição mental, é um obstáculo para ir encontrando, na coragem dos pequenos gestos e acontecimentos, ocasiões de mudança pessoal e social.

Com as merendas, alguns Rapazitos, em vez de deixarem as migalhas no átrio, na mira de algumas aves, como pombas e pássaros, correm para a sala de convívio. Noutras vezes, são restos de guloseimas que descaem.

Estava a nossa Comunidade reunida, quando alguns pequenitos repararam que muitas formigas, com a subida da temperatura, percorriam afanosamente alguns peitoris, paredes e outros carreiros, em busca de alimentos. Quando a situação se complicou, afirmaram: — *Ui, tantas formigas pretinhas!* Esses insectos, de pequeno tamanho, vivem em colónias e recolhem-se em locais abaixo da superfície. Numa Família com filhos de tenra idade, despertam naturalmente redobrada atenção.

Entretanto, fomos encontrar a sua proveniência, no sentido de desvendar a progressão contínua para aquela zona dessas minúsculas criaturas. Numa calçada menos frequentada, próxima de um jardim com ameixoeiras, vislumbrámos valen-

tes formigueiros que têm espantado a garotada. Percorrem longas distâncias e trabalham incansavelmente, subindo e descendo, com as cargas que vão conseguindo.

Quando perdemos a saúde, os amigos ou condições de vida, não ficamos sem dignidade e confrontamo-nos com a nossa insignificância. E a grandeza da fragilidade humana configura-nos, sim, com o Crucificado!

A necessidade de ter um refúgio, uma casa, e procurar a subsistência, subindo e descendo, conduz-nos a um movimento próprio daqueles que seguem o Nazareno: descer e ser pequeno. *O próprio Senhor descerá do Céu e estaremos sempre com o Senhor.* Este é o caminho da Cruz, em que a pessoa humana se eleva quando se vai dando aos outros e, por eles, entrega a sua vida. É natural, neste mundo, que se deseje subir, possuir, dominar e

mostrar figura. Até se classificam as pessoas, pela sua importância (VIP).

Não é fácil, nesta dádiva, encontrar o equilíbrio justo: se nos carregarmos demasiado, podemos afundar; se formos demasiado leves, os ventos desviam-nos... No tempo que corre, está na moda do consumo ser *light*.

Partilhar a mesa com aqueles que não encontraram uma família para crescer como homens e viver dignamente, é um exercício de caridade, para os tentar promover, mesmo com eventuais fracassos.

No palco de Coimbra, em que os nossos filhos entraram, outra vez, em cena, foi uma formiguinha, embora pequenita, que salvou o coelhinho branco da agressividade da cabra cabrês. Na verdade, a valentia humana não se mede pela força nem pelo poder, mas pela *humildade, que é a verdade!* □

### PENSAMENTO

Pai Américo

*O garoto das ruas é um camaleão. Em casa, desobedece, a pedir, é choramingas; com os outros, é refilão; nas ruas, é malcriado; às perguntas, é mentiroso. Muda de cor e estilo, conforme o lugar e as perguntas. Porém, se ele percebe e sente que alguém no mundo o ama, quer amar também, e é fiel. □*

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

**ACONTECIMENTOS COLECTIVOS IMPORTANTES** — Pela sua grande importância, não podemos deixar de dar aqui notícia e saudar com profunda alegria acontecimentos muito importantes que estão a ocorrer na vida das Conferências Vicentinas da nossa diocese e na pastoral diocesana em geral.

O primeiro acontecimento tem que ver com a conclusão do processo de fusão dos ramos feminino e masculino das Conferências Vicentinas na nossa diocese, a última do país onde isso estava por fazer. Foi eleito o Conselho Central unificado que irá substituir os que existiam dos dois ramos. No próximo sábado, dia 29 de Maio, irá tomar posse o novo Conselho Central. De uma forma muito sentida e agradecida, daqui vai o nosso abraço de muita amizade para os membros desta equipa que se disponibilizaram para, assim, continuarem a dar muito do seu tempo a esta causa. É uma grande graça ter na condução da vida vicentina desta diocese Vicentinos como estes. Sem qualquer menosprezo pelos restantes e sabendo bem que as grandes obras se fazem em equipa, também sabemos que, para haver uma boa equipa, é preciso um bom timoneiro. Felizmente é o caso aqui, na pessoa desse Grande Vicentino que é o Sr. Manuel Carvas Guedes, a quem a Sociedade de S. Vicente de Paulo tanto deve nesta diocese, e não só, em termos de rejuvenescimento, crescimento e capacidade para atrair mais e melhores Vicentinos. Não temos dúvidas nenhuma que esta dinâmica irá continuar e que será reforçada com esta liderança e com as novas condições organizativas agora criadas.

O processo de fusão que aconteceu a nível diocesano também irá ter expressão ao nível de algumas paróquias e dos Conselhos de Zona. Será o caso da nossa paróquia, com a fusão, para breve, das duas conferências dos dois ramos que temos tido por cá. Já aqui vos demos nota várias vezes que a existência de duas conferências nunca foi fonte de problemas cá para estes lados. A cooperação tem existido sempre e tem sido boa, tendo cada conferência procurado dedicar-se aos casos mais adequados ao perfil dos vicentinos que a constituem, com ajuda mútua quando necessário. De qualquer maneira, com a fusão formal, certamente que as possibilidades para o trabalho em equipa serão melhores.

Finalmente uma nota para a série de acontecimentos altos na vida da diocese que têm sido os vários já ocorridos no âmbito da Missão 2010 que, em boa hora, o nosso querido Bispo D. Manuel Clemente, decidiu pôr em marcha. Desde as Janeiras, passando pelo Encontro de Taizé e a visita do Papa, até à Peregrinação dos Frágeis que fez rebentar pelas costuras o Pavilhão Rosa Mota no Domingo passado, onde as nossas conferências estiveram presentes, com um grupo da paróquia, têm sido sempre momentos que revelam uma grande capacidade de organização colectiva da Igreja diocesana. Certamente que a intenção não é que as coisas se fiquem por momentos festivos efémeros, mas que isto sirva para testar e aquecer os motores para um trabalho continuado, de mais empenho e colaboração entre todos, padres, religiosos e leigos, nas várias áreas da pastoral da diocese que tanto disso precisam.

Na pastoral social e caritativa que nos diz mais directamente respeito, também está para breve a hora de mostrar o que vale no programa da Missão 2010, com a Festa da Solidariedade e dos Povos que terá lugar no Pavilhão Rosa Mota, nos próximos dias 26 e 27 de Junho. Há mais de 600 organizações na área sócio-caritativa ligadas à Igreja Diocesana, para um total de 464 paróquias, ou perto disso. A qualidade e vitalidade destas organizações são muito diversas. Todas foram convocadas para a “festa”. O que acontecer nos dias 26 e 27 de Junho será um espelho destas forças e fraquezas. Aqui a intenção continua a ser que fiquem alguns frutos que perdurem para além dos momentos festivos desses dois dias e também se espera que alguns desses frutos sejam um maior empenhamento e uma maior cooperação entre quem trabalha nesta área da pastoral diocesana. Se mais não houver, já bastará o facto de irmos ter aqui uma iniciativa onde estão empenhados e a trabalhar numa harmonia perfeita dois secretariados diocesanos — o da Pastoral Social e Caritativa e o das Migrações.

Se a vida da Igreja for feita de “capelinhas” não vamos a lado nenhum daqueles por onde Deus quer que nós andemos. Por isso, que acontecimentos como estes e outros do género que daqui possam resultar no futuro, nos ajudem a ser mais e melhor Igreja. O país e o mundo precisam disso, especialmente aqui e agora.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

## PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

**DESPORTO** — Na véspera do Sporting Clube de Braga ainda se poder consagrar Campeão Nacional, jogaram contra nós, em nossa Casa, os Juniores dessa prestigiada Instituição.

Enquanto foi possível manter toda a estrutura inicial e, até o nosso adversário descobrir o buraco da agulha para o seu primeiro golo, quem ditou as regras do jogo, fomos nós.

Depois..., depois foi um «ver se te avias!» Com o cair da chuva, por vezes intensa, veio ao de cima a preparação física, o excelente futebol praticado por eles e, sobretudo, empenhados em por em prática tudo que lhes foi transmitido no balneário, jamais foi possível segurar a equipa minhota! O Braga tem um conjunto de rapazes que sabem o que querem; que não entram em euforias, e nem sequer lhes passa pela cabeça que, apesar do jogo não ser oficial, podem brincar com o trabalho deles e dos outros. O respeito é muito lindo! Chama-se a isto: maturidade e dignidade!

Ainda marcámos o ponto de honra, por intermédio de Abílio, mas não conseguimos evitar a segunda derrota em casa. Alguns dos nossos Rapazes, tentaram ir buscar forças onde já não as havia, mas... há sempre aquele que prefere esconder-se e deixar os colegas a lutar até à exaustão.

Em relação à comitiva bracarense, foram de uma simpatia e de uma amabilidade espectacular. No fim do jogo, foi-nos oferecido um equipamento completo, coletes, t-shirts e bolas, para além dos atletas minhotos — individualmente — oferecerem aos nossos Rapazes, chuteiras e luvas de guarda-redes. Impecáveis! Notava-se que tudo era feito com carinho e com grande satisfação. O responsável máximo da comitiva, ainda nos ofereceu um livro com toda a história do Clube.

Por vezes, não sabemos, ou não nos deixam acreditar/estimar no mimo em que estamos, ao sermos presenteados com o convívio de quase todos os Clubes deste País, e sempre de uma maneira especial. Nada acontece por acaso e, talvez por isso, não nos ficava nada mal, um pouquinho mais de humildade — assentava que nem uma luva!

No fim do jogo, perguntaram-nos quantos Rapazes é que nós tínhamos? Foi-lhes explicado o porquê de agora sermos menos. E é essa a minha pena! □

# Pelas CASAS DO GAIATO

## MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo



**FESTA EM COIMBRA** — Conforme estava previsto, aconteceu a 22 de Maio, Sábado, pelas 15.00h, a nossa Festa-Encontro, no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra. Foi mesmo lindo! Antes da hora marcada, foram-se juntando muitos Amigos, antigos gaiatos, bem como todos os Rapazes da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo e do Lar do Gaiato de Coimbra, com os seus colaboradores, que se deslocaram de manhã para prepararem o espectáculo. Depois, chegaram alguns Rapazes de Paço de Sousa e de Setúbal. A plateia estava bem composta, quando teve início a Festa. O programa constou de duas partes. Abriu com um diaporama sobre *O Calvário*, em Beire (Paredes), para doentes. Seguiu-se o momento mais esperado, com a representação do conto tradicional *O coelhinho branco*, em que participaram 17 actores, *Batatinhas* e outros Rapazes (Aiyune, Aliu, Amadú, Arménio, Betinho, Diogo Madeira, Diogo Silva, Divino, Evguénio, Flávio, João, Joaquim, Joel, Luís, Malam, Rocha e Victório), ensaiada pela Prof.<sup>a</sup> Paula e que foi muito aplaudido pela beleza da representação, alegria e cor colocadas em palco, em que a formiguinha conseguiu ajudar o coelhinho. Entretanto, alguns Rapazes de Paço de Sousa fizeram uma interessante encenação poética sobre a Casa do Gaiato. Antes do intervalo, anunciado pelo apresentador, Bruno Silva, alguns Rapazes de Setúbal fizeram uma dança moderna. Na segunda parte, vários Rapazes de Paço de Sousa apresentaram um alegre e colorido folclore. Depois, o bom humor chegou com a *Estátua viva*, interpretada por 11 actores (Rui, Joaquim, Grazina, Joel, Igor, Natanael, Feliciano, Belizário, Flávio, Paulo e Diogo Silva). Outra dança chegou com alguns Rapazes

de Setúbal. O jovem amigo Paulo Sousa, tal como na primeira parte, veio ao palco deliciar-nos com outra bela canção. Uma dança-movimento, com 16 dançarinos de Miranda do Corvo, foi um bonito momento de coreografia. A rábula *O sargento e o soldado*, representada pelos Professores Paulo e Alberto (que coordenaram todo o espectáculo) trouxe mais boa disposição. Alguns Rapazes de Miranda do Corvo (Bruno Neves, Cristiano, Feliciano, Paulo e Rui) apresentaram, depois, uma agradável dança moderna. O encantador *Hino dos Rapazes de Miranda do Corvo* fechou com muita alegria a nossa grande Festa. Terminou com as palavras do nosso Padre Manuel, que agradeceu a presença e amizade de todos (nossos Rapazes, representações das Casas, produtores do espectáculo, Amigos e pessoal do TAGV). Os nossos Padres Carlos, Júlio e João deram, também, o seu testemunho sobre Pai Américo e a Obra da Rua. O senhor Cónego André, em representação do senhor Bispo de Coimbra, trouxe-nos umas palavras sentidas e de coragem. Foi uma tarde que fica bem recordada pelas pessoas que puderam participar neste evento cultural. O lema desta Festa, que os *Batatinhas* colocaram no palco, foi uma frase de Pai Américo: *A casa é o vínculo da família*. A D. Nazaré, senhora da nossa Casa, bem como a D. Cecília, D. Odete e D. Graça cuidaram do guarda-roupa e do farnel. Esta foi a quarta festa, em meio ano, depois das festas na Penitenciaría de Coimbra, em nossa Casa e no Coliseu do Porto. Agradecemos, assim, publicamente, a todos os Amigos o seu apoio ao longo do ano.

**LAR DE COIMBRA** — Vários Amigos têm partilhado connosco, nes-

tas nossas instalações, na Travessa Padre Américo, à Rua Dias da Silva. Bem-hajam! Os nossos Catequistas, da Residência dos Estudantes da Beira, têm-nos ajudado a crescer na Fé. A 19 de Maio, levaram-nos à apresentação de um livro sobre o Papa Bento XVI. As quatro Professoras voluntárias têm dado o seu apoio aos Rapazes. A 25 de Maio, reuniram para avaliar a situação escolar dos estudantes que frequentam várias Escolas, na cidade de Coimbra.

**CONSULTAS** — Os mais pequenos têm sido consultados muito bem e com carinho no Hospital Pediátrico de Coimbra. Também, nas consultas de Medicina Dentária, nos HUC, vários Rapazes têm beneficiado. Muito obrigado!

**FAMILIARES** — Alguns parentes dos Rapazes, de vez em quando, telefonam para saber notícias deles e ouvi-los... Actualmente, é mais fácil.

**AGRO-PECUÁRIA** — As temperaturas têm subido e ainda estamos na Primavera. Continuou-se com o arranjo dos jardins. No pomar foram plantados vários centos de cebolo e alfaces, comprados na Feira. Isto porque a horta está infestada de junça; mas, aproveitou-se e semeou-se lá algum milho e plantou-se couve serrana. Na *terra dos grilos*, devido à junça e aos corvos, teve de se semear outra vez o campo de milho grão. No batatal, cujas plantas têm crescido, tratou-se contra o escaravelho da batateira.

A carne dos bovinos abatidos chegou, foi desmanchada e conservada no frio. Os vários porcos estão gordos demais; pelo que é preciso dar-lhes destino. Um deles não sobreviveu. Depois, virão alguns leitões. □

## BENGUELA

César («Massauro»)

**REUNIÃO DE CHEFES** — Começo por dizer que, para o bom funcionamento de uma família é necessário que cada um ocupe o seu lugar, que cada um procure cumprir o papel que lhe toca. Assim, as nossas Casas também são iguais às casas de família. Isto, para vos dizer que as nossas Casas estão divididas em hierarquias de chefes, e estes são os guias dos Rapazes.

Na última reunião, no passado 8 de Maio, a introdução não foi feita pelo nosso Padre Manuel António, mas pelo Padre Sissimo que está a colaborar com a nossa Casa.

Ele nos abriu um novo capítulo. Chamou-nos a atenção ao dizer que os chefes são também educadores, e pediu-nos muita responsabilidade.

Apesar das limitações próprias, cada chefe deve procurar fazer dos seus rapazes, bons rapazes. Ajudá-los em todos os sentidos.

Dizer que esta palavra «educador» veio abrir aos chefes um novo desafio, porque o educador é um homem forte, é aquele que não deixa as coisas andar; é aquele homem atento a tudo, que tem muito amor aos seus irmãos; que o educador é o espelho da sociedade, como se tem dito, por onde cada pessoa que olha para ele, se possa guiar por ele.

Nas nossas Casas os chefes também são esse espelho por onde os rapazes se guiam. É pedida muita responsabilidade e muito sacrifício, porque não é tarefa fácil.

Aproveito para desejar muita força e coragem para todos os chefes das nossas Casas.

**OFERTAS** — No dia 17 de Maio, em que a nossa cidade completava mais um ano de existência desde a sua fundação, um grupo de nossos Amigos, comandado pelo senhor Prof. Júlio, que

foi criado em nossa Casa, ofereceu-nos um conjunto de equipamentos desportivos, mais concretamente 59 coletes que vão ajudar muito nos treinos. Aliás, são coletes próprios para esse fim. Já há muito tempo andávamos aflitos com este tipo de material.

Ainda nos ofereceram 12 bolas de futebol — por coincidência cá, em Casa, não tínhamos nenhuma. Também, seis bolas de voleibol — mas, infelizmente, cá em casa não há rapazes que gostem desta modalidade desportiva, mas quem sabe se no futuro possa aparecer alguém...

No mesmo dia, recebemos das mãos de Miss Angola, Jurema Ferraz, uma quantidade de alimentos que nos vão beneficiar muito.

Aos Benfeitores aqui ficam os nossos agradecimentos.



## SETÚBAL

Padre Acílio

**FESTA** — Uma arrelhadora demora burocrática tem impedido a cirurgia a que eu houvera de ser submetido, há muitos meses. É hoje, é amanhã, é para o mês que vem, quando será? Tudo tem impedido a que me decida programar a festa, feita pelos nossos rapazes, para os nossos Amigos, não só em Setúbal, mas também em Palmela, Almada, Montijo, Sesimbra, etc. Os Rapazes ainda ensaiaram e têm muitos números aprimorados, mas a operação vai reter-me durante algum tempo sem movimentos e limitar as minhas capacidades.

Peço perdão aos nossos Amigos ansiosos por verem ressuscitado o espírito de arte, carinho e triunfo dos Gaiatos e de os aplaudir, com o prazer espontâneo, nestas manifestações artísticas, humanas e reveladoras da pureza da vida, dentro dos nossos muros.

**GOLFE** — O Golfe do Montado há anos que abriu uma aula semanal gratuita, para alguns dos nossos. Quando voltei a esta Casa, logo, o Sr. Vasco Vieira, me contactou para oferecer a continuidade da iniciativa e me pedir que a mantivesse, enaltecendo o bem que este recreio, no seu ponto de vista, poderia trazer aos Gaiatos.

Como qualquer homem pobre, que não trabalha para o golfe, eu não conheço tal desporto e tinha-o no meu preconceito, como recreação cara, própria de gente rica. O meu primeiro impulso secreto foi negativo, mas não me manifestei.

Os Rapazes terão de construir o seu futuro! E dar-lhes o que eles, em regra, nunca conseguirão por si próprios, não me pareceu bem e mantive-me na expectativa.

O ano foi chuvoso, as tarefas da Casa surgiam em catadupa para melhorar o ambiente, e não fiz qualquer diligência.

O senhor não desarmou. Gosto das pessoas persistentes. O telefone, o fax, o e-mail, foram-me "importunando" até que chegou mesmo um pedido, para dez Rapazes mais novos, que lá andaram o ano passado. «Que vinha lá a televisão e era muito importante a presença dos Rapazes naquele ambiente».

Comprometi-me e fui lá com dez. A viagem é rápida. O golfe fica por trás da nossa quinta e o acesso é alcatroado. Demorei-me um pouco na aula, a observar professor e alunos. Gostei

muito. Achei as primeiras lições bastante formativas e incentivadoras.

Os Rapazes podem, amanhã, não ter nível financeiro para praticar golfe, mas lembrá-lo-ão por toda a vida, como um dom bem agradável que a Casa do Gaiato lhes proporcionou, na sua meninice e adolescência.

**ANTÓNIO** — Ao longo da vida, temos tido muitos Antónios. Alguns ficaram na nossa memória pelos seus apelidos, mas este não. Era o António.

Esteve nesta Casa só um ano. A adolescência perturbada em que já vinha, não lhe permitiu permanecer muito tempo nesta Família. Fugiu e eu fui buscá-lo. No fim do ano lectivo, voltou a abalar e a Provedora da Misericórdia, que me havia solicitado a entrada dele nesta Casa, achou ser melhor que ele ficasse por lá e dar-lhe ela a mão.

Passou-se mais de uma dúzia de anos.

Numa destas tardes quentes de Maio estava eu, com mais Rapazes, a aconchegar, no enorme silo, a forragem que os Rapazes iam cortando e carregando com os brutos atrelados dos tractores, quando, entre os raios obcecantes do sol a baixar-se, vejo duas figuras novas e bem postas, que se me dirigem:

— Lembra-se de mim?

— Lembro-me dos teus reflexos, mas já não sei quem és!...

— Sou o António. Vim vê-lo...

As saudades da Casa do Gaiato perturbaram-no e ele queria satisfazer-se.

— Não calcula como esta Casa me marcou!... e me ajudou a atingir o que hoje sou!...

Lembrava então, o nome dos seus companheiros. As brincadeiras e aventuras na quinta, nas árvores e nas valas! O espaço, o à-vontade e a satisfação que lhe havia proporcionado. O trabalho, a organização dos Rapazes, a limpeza e a cozinha!

— Não imagina quanto me ajudou a ser o que sou. Estive pouco tempo, mas fiquei com esta Casa gravada dentro de mim...

O rapaz não se calava, por mais que eu o tentasse conter nas suas manifestações de gratidão. Disse, disse, disse. Para acabar, valeu-me um reboque que chegava acogulado de erva verde para descarregar.

Estas experiências relatadas com tal autenticidade perante um testemunho tão vivo, são um grande estímulo e a

confirmação que as Casas do Gaiato não só são actuais, mas inultrapassáveis nos seus métodos e vida.

**BODAS DE PRATA** — O Rodrigues e a Micã quiseram reviver o seu casamento perante o altar de Deus e no lugar, onde o celebraram há vinte e cinco anos! — a nossa Capela.

Trouxeram os filhos, já jovens, os amigos, e os familiares mais próximos. Ficou repleta a nossa Casa de Oração. Toda a gente cantou e rezou animada pelos nossos Rapazes e seus instrumentos!

Voltaram depois contar-nos que a festa foi muito linda e toda agente manifestou agrado.

Ontem, sábado, a Micã e outra amiga ofereceram-se para dar o seu dia, à Casa do Gaiato. Ela é de dentro e, embora more longe, sabe bem o que isto é.

Fizeram-nos um jeitão e a senhora pôde sair, ao menos um dia, descansada!

Como estas ajudas são preciosas!...

**CONVITE** — A Associação dos Antigos Gaiatos do Sul, parece estar adormecida.

A Obra da Rua sempre remou contra a instalação e a sonolência. Continua a ser uma palavra nova, alimentada pelo Espírito de Deus, eternamente jovem.

Ela não se confina aos Rapazes que ainda vivem cá dentro, mas a todos quantos por cá passaram.

**A reunião anual dos Antigos Gaiatos**, aconteceu sempre no Domingo a seguir ao 1 de Julho, aniversário da abertura desta Casa, que este ano calha a 4. Sabemos que a equipa encarregada de preparar e servir o almoço, bem como de acolher os mais tímidos, era sempre a mesma e... cansou-se.

Vamos a ver se há gente generosa que se una a mim e mais Rapazes e suas mulheres para que a gente faça comida boa e abundante e ninguém passe fome. Não deixem de vir, por motivo algum. A missa é às 10 horas. O campo de futebol está à vossa espera e a piscina também. Haverá alegria bastante a distribuir por todos!

Após o desaparecimento da Obra da Rua, da que foi Casa do Gaiato de Lisboa, pedimos aos antigos da capital que se juntem aos de Setúbal que o espaço chega para todos e o coração também. □

## MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

## Somos frutos do tempo

**T**EMOS dado voltas à mente para exprimir, numa palavra, o que se tem feito ao longo destes quase dezoito anos na preservação da vida, do bem estar e do desenvolvimento das pessoas que nos rodeiam. Parece-nos que «Encontro» ajusta-se. Deus veio ao encontro dos homens no seu Filho e este mandou-nos ao encontro dos Seus mais predilectos: — os Pobres. Não é que os outros sejam excluídos, mas, sim, que O podem descobrir no exemplo do amor gratuito. «Se não acreditais em Mim, acreditai nas obras que o Pai me deu para fazer». Num mundo materializante como o nosso, é desinteressante debruçar-se sobre isto, ou simplesmente as pessoas se negam a acreditar. Não se deixam encontrar. Encontro foi também o caminho doloroso que percorreu Pai Américo até à martelada definitiva que desabrochou na Obra da Rua.

Vem a propósito da Fundação cujo nome encarne o espírito de Pai Américo e não seja um simples passar à letra de fôrma o que é necessário e urgente estruturar, segundo os parâmetros estabelecidos oficialmente para essa finalidade. Ora, aqui, me parece que as palavras são despropositadas para caracterizar aquilo que já está feito. Fundação dá a entender uma intenção de... Pode acontecer ou não como num caso flagrante, em Portugal, que os advogados da dita se aboletaram com os bens, por sinal muito avultados e a abortaram. Ora os bens desta estão implantados no terreno com o apoio de *Pro Salus e Cooperação Espanhola* e paralelamente já se colhem frutos sazoados. Por causa do Serviço Saúde quantos enfermeiros, analistas, técnicos de medicina e agora quatro em Cursos universitários da dita? Paralelamente, quantos milhares de crianças e adultos com malária, cólera, anemia aguda, tuberculose, sida, continuam vivos e são? Por causa das Creches quantas educadoras de infância de Curso médio e universitário, quantas cozinheiras que garantem um crescimento saudável física e psicologicamente?

Fundação também se pode entender por alicerce para uma construção e vamos dar ao mesmo. Nada poderá ser feito com materiais inertes, mas com pessoas vivas, elas mesmas já fruto amadurecido de trabalho prolongado, vai em dezanove anos, que encontrámos aqui e agora são capazes de ser e já o são, por via das suas funções, o corpo vivo da dita fundação!

Pai Américo começou tudo caoticamente e quando lhe deram um estatuto ou três, como ao depois confessou, não leu nenhum. O Pobre de Assis também começou assim e quando os Irmãos precisaram organizar-se, por muitos que já eram, separaram-se em duas Regras. Cristo começou assim e a Sua Igreja vive hoje tão estruturada, mas tão regulamentada, que se torna um fardo pesado qualquer mudança. Somos frutos do tempo, embora aspirando ao intemporal que é Deus. □

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

**PASSEIO** — A Catedral de Santiago de Compostela foi o nosso destino no feriado de 1 de Maio 2010 (sábado). O autocarro partiu cheio de entusiasmo e boas vibrações. Depois de uma curta paragem em Valença, chegámos a Santiago. Havia muita afluência de turistas e peregrinos que escolheram também o dia, pelo que nem todos tiveram tempo para a visita. Assim, após o almoço partilhado junto do parque de jogos, voltámos à Catedral para dar oportunidade a todos de abraçar o Santo. Rumámos, já com o dever cumprido, para uma boa merenda nos jardins da belíssima capela de Santa Luzia, de onde se avista toda a cidade de Viana do Castelo. Houve ainda tempo para afinar as vozes e um pé de dança, em jeito de despedida, com a nossa tocata musical em bom plano.

**25 DE ABRIL** — Como é já costume, voltámos a comemorar este dia com real significado para todos os portugueses e que teve um papel fundamental na integração plena de Portugal nos destinos da grande família dos países da Europa, onde estamos de pleno direito. O dia serviu de pretexto, essencialmente, para juntar as famílias dos antigos gaiatos em volta da nossa «Tocata» e nos presentear com as músicas alusivas ao tema, abrilhantada pela voz magnífica do nosso Emílio. Tudo regado com uma boa merenda partilhada, onde não faltaram as fêveras e as bifanas, regadas com bom vinho da nossa «Casa-Mãe».

**NOVAS ACTIVIDADES** — Na sede, está já a decorrer, aos Domingos, à tarde, o torneio de cartas denominado «sueca». O silêncio e a concentração é o mote dos participantes e da assistência, pois alguns jogos são bem renhidos. Para compensar, a merenda, no final, serve como recompensa do esforço.

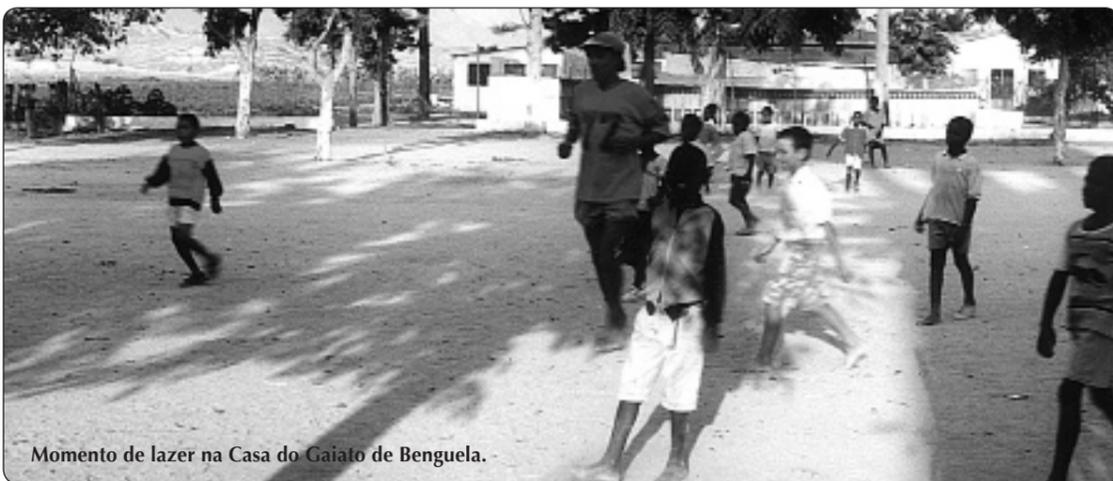
**LOJA SOCIAL** — Continuam a chegar as ofertas. O nosso «Júlio tira-olhos» ofereceu uma colecção de aprendizagem da língua inglesa. O antigo gaiato Ludgero, também disponibilizou algumas peças de roupas e alguns amigos e benfeitores já nos ofertaram alguns objectos em desuso mas ainda em bom estado para a futura loja social, como por exemplo, livros, cd's, dvd's, quadros, medalhas, brinquedos, várias televisões, 2 frigoríficos, um computador e colecções diversas. Bem-hajam. □

## De uma carta

«Aqui venho eu fazer-me presente junto de vós... Infelizmente não posso fazê-lo com a regularidade que gostaria, nem posso ajudar-vos como merecem.

Agradeço que continueis a fazer-me chegar o vosso Jornal. Cá em casa, todos o lemos 'apaixonadamente' — todas as notícias, todas as novidades, todas as histórias comoventes ou alegres — como quem lê cartas de família.

Assinante 42348»



Momento de lazer na Casa do Gaiato de Benguela.

**PAUSAS PEDAGÓGICAS** — Estamos em pausa escolar e temos ocupados os nossos tempos livres com os campeonatos de futebol de salão, como é tradição.

As salas de multimédia e de matraquilhos também têm sido bons espaços de ocupação dos nossos rapazes, enquanto esperamos pelo começo do segundo trimestre.

**DESPORTO** — Depois de terminar o campeonato dos juvenis, sem bons êxitos, chegou a vez dos nossos cassulinhas, que pretendem mostrar aquilo que eles mais sabem fazer.

Dizemos que, infelizmente, as coisas não têm corrido bem com os nossos

pequenos. A falta de humildade e brio não têm deixado os nossos Rapazes fazerem um bom campeonato.

Admitimos a hipótese deles ainda não terem experiência, já que se trata de uma primeira vez.

Eles sonharam ser campeões, mas, infelizmente, ainda estão muito longe dessa realidade.

Neste momento o campeonato está no seu término e a equipa alcançou, apenas, 14 pontos e está em sexto lugar, com 16 golos marcados e 22 golos sofridos. É pouco trabalho, ou uma média baixa, para os objectivos duma equipa que queria ser campeã.

Não estamos desiludidos com a prestação dos nossos cassulinhas.

Agora, em férias escolares, temos treinado muito e já estamos a preparar o próximo campeonato, que se avizinha, porque este está fora dos nossos objectivos e acaba por nos servir para ganhar experiência.

Acredito que com o trabalho que temos tido, futuramente as coisas irão melhorar muito. □

**Tiragem média  
d'O GAIATO, por edição,  
no mês de Maio,  
48.600 exemplares**

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

**A** Pobreza, para mim, não tem cores nem raça. Sou dos Pobres. Não tenho preconceitos contra ninguém, mas um avassalador sentimento de misericórdia me domina, sobretudo com os mais caídos.

Quanto mais detestados pela chamada sociedade, mais simpáticos se me afiguram.

Procuo olhá-los com a clareza e a dor do Coração de Jesus! E mais nada. Isto chega!... Vê-IO neles! Doloroso, Desprezado, sem trabalho, nem hábitos humanos, mas Ele na sua contínua via dolorosa deste tempo.

Dei, aqui, umas ajudas a famílias ciganas, após ter ido a casa delas ver como se arranjavam, viviam, e as suas necessidades. Não acudi a mais de uma dúzia. Correu logo célere, o boato: «O padre do Gaiato está a ajudar».

Os ciganos, como formigas em carreiro, acossados pelas terríveis necessidades e uma ilusão infantil de que nos levariam pelas suas lamúrias, puseram-se a caminho da Casa do Gaiato, na expectativa de algum dinheiro.

A pé, de carro, em veículos de feira, pareciam fascinados!

Nunca andam sós e, com aqueles trajas cumpridos das mulheres,

duas ou três dúzias de pessoas, parecem uma multidão.

Em certos dias, a nossa, parecia mais uma casa de ciganos.

Tive que tomar uma posição radical: — Não atendo ninguém.

As pessoas vêm e dão logo com esta resposta pronta: «Não posso atender-vos». Na verdade, é-me impossível conhecer, caso a caso, as necessidades de cada um.

Meti-me num mundo que me assusta — só ele dava para mim.

Não quero nem devo ter medo. O Espírito do Senhor é a Força mais poderosa deste mundo e do outro. N'Ele confio!

As casas que visitei, apesar de espaçosas, são realmente muito pobres. Pouco mais que um tecto. Algumas, sem lava loiças; quase todas, sem mobília ou com peças estragadas. Muitas, desprovidas de portas nos quartos. Janelas sem vidros, tapadas com plástico ou papelão! Um ambiente deseducador e degradante.

Os jornalistas e os técnicos, formados nas academias da abstracção, chamam àqueles bairros: problemáticos. Ora, eu não acho. O que vejo é muitas dificuldades juntas e ninguém capaz de as enfrentar com seriedade. É muito fácil a gente esconder-se por trás da nossa

comodidade e ignorar tão graves situações.

Falta quem organize, comande e assuma na vanguarda, e não na retaguarda isto é: na teoria e nos gabinetes.

Ausência de hábitos de trabalho, de economia, de civismo, um vulcão de agressividade, e um pensamento fechado e muito egoísta. Não há Evangelho. Todos voltados para o seu próprio umbigo.

Deus do Céu! Como poderemos dar a mão a estes pobres tão caídos, se os teus filhos se encostam ao Estado e desistem de encarar a miséria!... Dá-lhes Luz e Força para que não imitem o sacerdote e o levita da tua parábola.

Apareceu-me uma mulher grávida de saia comprida e nos últimos tempos.

— Não a atendo — disse logo.

A mulher foi ter com a Senhora e chorou junto dela, o meu voltar de costas: — *Tenho três filhos, este é o quarto e estou sozinha.*

A senhora doeu-se e teve a sensação de lhe pedir a morada e prometer-lhe que o padre iria a sua casa.

Ainda não fui, mas brevemente repararei o meu pecado.

A nova direcção postal do Património dos Pobres:

*Casa do Gaiato de Setúbal*

*Algerúz*

*2910-281 Setúbal.* □

## DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

**ENCAMINHADA** até nós pela mãe do companheiro, a quem no passado já havíamos ajudado, esta jovem mãe, de três crianças, chegou aflita.

Viviam as primeiras semanas num apartamento que tinham alugado, embora não tivessem posses para cumprir o compromisso de pagar o respectivo aluguer.

Estavam a viver exclusivamente do abono das três crianças, há alguns meses. O companheiro está desempregado. Teve de abandonar o emprego que tinha, pois não recebia há vários meses o correspondente ordenado pelo trabalho que fazia. A mãe, embora já tivesse trabalhado fora, cuida dos filhos e das coisas da família, especialmente da filha pequenina.

Quando o ordenado do companheiro começou a faltar, e vivendo ainda numa outra casa também alugada, foram candidatar-se a receber o Rendimento Mínimo, também chamado de Inserção. Descrevendo a casa onde viviam, com um quarto para o casal e outro para os três filhos, um rapaz e duas meninas, foi-lhes exigido que mudassem para outra casa, onde houvesse quartos separados para o rapaz e as meninas. Se não o fizessem, as crianças ser-lhes-iam retiradas. Foi

assim que no-lo contaram. Ora as crianças têm idades entre os sete e os dois anos...

Ainda há mães que choram e sofrem para ter os seus filhos consigo. Não é a primeira que vemos aflita e de lágrimas nos olhos, com medo de os perder.

Fomos ver a casa nova e conhecer toda a família, embora a menina mais pequena já tivéssemos visto consolada no colo da mãe.

Quando cheguei ao prédio onde supostamente viviam, tive dúvidas se seria ali, pois como não me fora dado o número da porta e ao ver um edifício moderno, bonito, bem arejado, pensei ter percebido mal as indicações que me haviam dado. Então dei meia volta e fui ver outra família que estamos a acompanhar na restauração de uma velha casa que, com financiamento, adquiriram.

Este duvidar, é a reacção que naturalmente temos quando vemos os Pobres instalados em condições que nos dão a impressão de não precisarem da nossa ajuda. Lembra-me esta, uma outra situação que escandalizou um pouco uma nossa Amiga, por ver antenas parabólicas numa casa de uma família que recentemente ajudámos a melhorar, através da fotografia que publicámos, ante-

nas que dão à casa onde estão instaladas ares de ter habitantes com dinheiro, quando na realidade não é assim. De facto nem sempre esse tipo de receptor de comunicação tem agregado um contrato de dezenas de euros mensais.

Como disse, abandonei o dito prédio, também eu iludido, e fomos visitar a outra família que estava toda reunida, os pais e os seus seis filhos que, na companhia de parentes, estavam desmontando materiais velhos da casa em ruínas para os substituir por outros novos, para que assim em breve, para lá possam ir habitar.

No regresso a nossa casa, quem fomos encontrar? A mãe das crianças que inicialmente fomos procurar. Vira-nos partir de junto do seu prédio, sem tempo para nos chamar. Então meteu-se a caminho e, no entanto, chegou antes de nós.

Houve que refazer o trajecto e ir conhecer a família.

Confirmadas as suas necessidades, deixámos o equivalente a um mês de renda e, no dia seguinte, os nossos rapazes encarregaram-se de lhes levar os bens mais precisos.

Vai fazendo falta nesta terra de ilusões o bom senso, projectando padrões de vida que não a tirem a quem tem direito a viver. □

reconfortante bálsamo da minha vida!... Que Deus seja bendito.

## O SENHOR DO DOMINGO

— Foi assim que a Isaura — mãe dos pequeninos cá em Casa — me entregou um envelope: «É do senhor do Domingo». Desde que para aqui voltei, este homem aparece, ao Domingo, pelas três horas da tarde, discretamente, sem aparato, nem no carro, nem no vestir. Aproxima-se e pede com simplicidade que eu aceite o seu envelope,

depositando-o na minha mão. São sempre cem, ou cento e dez euros. Transparece uma humildade em todo o seu aspecto! Como agora pouca gente nos visita para deixar algum dinheiro, e durante todo o Verão, nunca falhou naquele santo dia, e mais, como não sabemos nem o seu nome, nem a sua família, nem a sua morada, é conhecido entre nós como «O senhor do Domingo».

Temos a certeza que é mesmo o Senhor que nos encoraja, visita e ajuda. □

## BENGUELA

Padre Manuel António

## Festividades

**A** cidade de Benguela celebrou, há dias, mais um aniversário da sua fundação. Completou 293 anos! A cidade do asfalto foi o centro da festa. As actividades programadas encheram os olhos e o estômago dos participantes. Quem dera que a alegria da festa chegasse também à satisfação das necessidades urgentes da população dos bairros! Seria um marco dourado que ficava a lembrar a passagem do aniversário.

A nossa Casa do Gaiato também esteve presente na festa. Um grupo da «velha guarda» de Benguela, residente em Portugal, veio visitar-nos e trouxe algumas lembranças úteis para os rapazes. Um dos membros era o Júlio, agora professor reformado, que recebi há mais de 46 anos e cresceu em nossa Casa. Uma prenda festiva de alto valor! A sua presença fez-me reviver o princípio da história da Casa do Gaiato de Benguela. Que saudades! Experimentámos, desde a primeira hora, o carinho da força viva no coração do povo. A Aldeia nova, construída de raiz, foi possível graças ao amor do povo de Portugal, com as mãos dadas dos empresários de Benguela e o calor humano do povo anónimo. Os primeiros 42 rapazes, entre os quais estava o Júlio, foram criados neste ambiente acolhedor. Por isso, é sempre motivo de alegria muito grande a visita destes filhos. Aparecem como um foco de luz para os mais novos.

Outra presença festiva, a propósito do aniversário da cidade de Benguela, foi a visita dum representação das «Acácias Rubras». É uma associação típica da cidade de Benguela. À frente, com os altos responsáveis, veio a Miss Angola, acompanhada das suas damas de honor. Foi precedida de uma carrinha cheia de comida preciosa, que nos basta para a alimentação normal, durante um período razoável.

Foi a marca de ouro da festa deste ano. Quem dera esta cena pudesse repetir-se com famílias mais indigentes dos nossos bairros! São marcos que ficam a lembrar a passagem dos grandes acontecimentos. O resto é também importante. Não podemos esquecer, contudo, que os actos do amor autêntico significam os traços do rosto novo, numa cidade de 293 anos.

Partilhamos o pão com centenas de pessoas, pais e filhos. Não deixámos aquela mulher sem coberto, para si e restante família. Recebeu a primeira ajuda e continua tranquila na cabana que construiu em terreno alheio. O problema está resolvido.

São tantos, tantos os problemas de pobreza extrema que é necessária a intervenção da comunidade. Pai Américo ditou uma regra de ouro: «Cada comunidade deve cuidar dos seus pobres». Quem dera todos se sentissem irmãos!

Está aqui o segredo do mundo novo que ansiamos. Segredo dos corações sempre jovens!

Experimentámos uma comunhão de bens muito interessante. Não tínhamos tractor para a preparação das terras.

Chegou a hora das sementeiras. Um agricultor amigo e capaz emprestou-nos o tractor por algum tempo. Foi um grande alívio. É provisório, contudo. Temos esperança que chegará a hora dum tractor novo. Será a solução definitiva. □

## REFLECTINDO

Padre Telmo

«**O**LHAI as aves do céu!» «Olhai como crescem os lírios do campo!» «A beleza é como um doce murmúrio que fala à nossa alma; mais do que uma necessidade, é um êxtase. A beleza como a vida, quando a vida desvenda o seu rosto sagrado. A beleza como a eternidade que se contempla a um espelho.» (Khalil Gibran).

Por nada deste mundo devia ter cortado aquela flor no meio da chana, perto do pantanal. Somente a ideia de a ter junto a Ti na Tua cruz! Vejo que não gostaste muito. Tu a tinhas posto ali para que olhasse a beleza das suas cores no espelho verde daquele chão.

Os nossos gestos nem sempre são bons. Salva-se a intenção.

Ela ficou triste, porque vai murchar e não poderá reflectir a fundura dos Teus olhos...

\* \* \*

Sempre uma canção nova, dentro do coração, aberta ao amor!, que cante alegria e esperança. Que faça sonhar com pedras vivas para a construção da nova cidade com alicerces de justiça e onde se não conheça a palavra — fome.

Uma nova canção em cada coração!

Será a cidade de Deus: não haverá pessoas a dormir no cimento dos passeios, encostados aos prédios e tendo como colchões — cartões de caixa; nem haverá rede de ruelas como labirintos com os buracos dos portões das cubatas, sem água, sem luz e chão de terra; não haverá irmãos sem tino, apanhados pelo álcool, a caminharem cambaleando e dizendo palavras sem nexos.

Vamos todos cantar uma nova canção, e construir uma nova cidade.

\* \* \*

«Levanto os olhos para os montes»:

O Sinai, Tabor, Carmelo, Moriá, Calvário, o Monte das Bem-aventuras, Betel e Alverne... eles estão mais perto de Deus!

Deles contemplo Jesus a ser batido — vencendo as dunas, cuspidos e pregados na cruz.

A cruz ao alto! A Sua ressurreição!

Das grutas destes montes vejo a dor e glória do Senhor...

Sinto com nitidez o espinho da indiferença dos homens. O falso caminho da multidão que se afastou d'Ele.

O Senhor não desiste, continua movido pelo desejo de nos mergulhar no mar infinito da Sua misericórdia! □

## MOMENTOS

Padre Acílio

**NININHAS** — Com um grupo de gaiatos, saídos há pouco tempo da Casa, apareceu no meio deles.

Não o conheci, tal o seu bom aspecto. Agora, com 23 anos, vinha cumprimentar-me e agradecer quanto sofri por ele. Só Deus sabe do que foi vítima! Dele, da legislação, do tribunal, dos tios e do Centro de Acolhimento onde o iam matando com sedativos. Como a Casa do Gaiato suportou tudo silenciosamente. A sua vida daria um livro que nunca escreverei, mas o equilíbrio daquela tarde foi o mais